**A INICIAÇÃO *CRISTÃ***

Pe. Luiz Antonio Belini

 No mês passado escrevi sobre a *iniciação* enquanto termo técnico que indica o processo de introdução de um novo membro em uma determinada religião. No mundo greco-romano havia duas formas principais de religiosidade, a *cívica*, que estava na base da identidade de um determinado povo, cidade ou região e, por isso, era pública e obrigatória a todos seus membros. Para quem procurava uma religiosidade mais pessoal e existencial, encontrava seus anseios nas chamadas *religiões de mistérios*. Estas mantinham seus mitos e doutrinas, ritos e símbolos em segredo compartilhado apenas entre seus membros. Para que alguém se tornasse membro havia um processo muito específico e exigente, de acordo com as particularidades de cada culto. O mais famoso parece ter sido em torno do santuário em Elêusis, periferia de Atenas, onde se celebravam os Mistérios de Elêusis, *ritos de iniciação* ao culto das deusas agrícolas Deméter e Perséfone. A esse processo de integração se chamou *iniciação* e aos que passam por ele, *iniciados*.

 A partir do século XX a noção de *iniciação cristã* passou a ocupar um lugar central na teologia dos sacramentos, mas de duas maneiras diversas. Na primeira metade do século a questão girou em torno da relação entre os *sacramentos cristãos* e as *religiões de mistérios*, do ponto de vista teológico e histórico. Os primeiros pesquisadores começaram a apresentar uma influência extraordinária das *religiões de mistérios* na origem do cristianismo, a ponto de Ernest Renan (1823-1892), famoso por sua obra "Vida de Jesus", sugerir a dependência da iniciação cristã em relação aos mistérios pagãos. Como consequência, são postas questões como: os *sacramentos* fazem parte essencial da mensagem evangélica ou existem por influência das *religiões de mistérios*? Odo Casel (1886-1948), beneditino estudioso da liturgia e que terá destaque no movimento de reforma litúrgica pensa que os *sacramentos* pertencem sim essencialmente à mensagem evangélica, mas enquanto tal, são a realização perfeita de um modelo de *religião de mistérios*.

 O aprofundamento dos estudos irá conduzir a discussão, na segunda metade do século XX, a um novo patamar. Percebe-se que a grande semelhança descoberta entre os *sacramentos cristãos* e a *iniciação nas religiões de mistérios* na verdade sofreu de um equívoco metodológico. Procurava-se nas *religiões de mistérios* semelhanças com o cristianismo, comprometendo os resultados. O que foi chamado, às vezes, de efeito reflexo. De forma simples: procurava-se o que se queria encontrar. Junto a isso, dois novos fatos se impuseram: o reconhecimento de uma relação mais profunda do cristianismo com o judaísmo (e não com as *religiões de mistérios*); e o fato dos elementos semelhantes entre o cristianismo e as *religiões de mistérios* pertencerem, com as devidas particularidades, a todas as manifestações religiosas, não podendo se estabelecer uma relação estrita de dependência entre elas. Adalbert Hamman (1910-2000), um franciscano esperto nesta questão, elenca esses elementos semelhantes: purificação pela água; refeição sacrifical; iniciação mistagógica; persignar-se (benzer-se com algum sinal; no caso dos cristãos, o sinal da cruz); e por fim, a "disciplina do arcano" (nome dado a partir do século XVII ao costume de proibir aos membros de falar dos mistérios aos não membros ou em processo de iniciação). No futuro apresentaremos detalhadamente cada um deles.

 Mas não foram apenas elementos negativos que jogaram luz sobre a *iniciação cristã*. Já em 1889 o padre francês Louis Duchesne (1843-1922) publica *Origiens du culte chrétien* ("Origens do Culto Cristão"), livro em que se opõe à tese de Renan, anteriormente citada, demonstrando a originalidade da *iniciação cristã*. Duchesne intitula o capítulo IX de *A Iniciação Cristã* e o começa assim: "A iniciação cristã, como nos descrevem os documentos posteriores ao fim do segundo século, compreende três ritos essenciais, o batismo, a confirmação e a primeira comunhão" (1889, p.281). Duas considerações: são *ritos essenciais* ao cristianismo, ou seja, não são exteriores ao anúncio evangélico; segundo P-M. Gy, é a primeira vez que se emprega a expressão *iniciação cristã* para nomear juntos os três sacramentos: batismo, confirmação e eucaristia, hoje comumente chamados de *sacramentos da iniciação cristã*. Após este uso por Duchesne, a expressão foi ganhando notoriedade e espaço, primeiro entre liturgistas e, posteriormente, em toda a teologia.

 Percebe-se que a expressão *iniciação cristã* é de uso bem recente na história da Igreja, principalmente se referindo aos sacramentos. De fato, podemos constatar que os livros do Novo Testamento não falam expressamente de *iniciação cristã*. Embora encontremos neles alguns elementos de como as pessoas começavam a participar da comunidade dos discípulos de Jesus: ouviam a pregação do evangelho; acolhiam com fé; abriam-se à conversão; se instruíam mais profundamente; tinham sua disposição de pertencer ao grupo dos seguidores de Jesus averiguado; recebiam então o batismo, o dom do Espírito Santo e eram incorporados ao povo de Deus participando da fração do pão (cf. Mc 16,15; At 2,37-41; Ef 1,13-14; Hb 6,1). O objetivo da *iniciação cristã* era e continuará sendo a participação e incorporação no mistério de Cristo e na Igreja.

 No segundo século a Igreja em expansão e perseguida precisará fixar melhor sua doutrina e ritos, bem como se defender das acusações de seus detratores. Evitará usar o vocabulário das *religiões de mistérios*, chamadas simplesmente de cultos ou ritos pagãos, e, portanto, também a palavra *iniciação*. São Justino (viveu entre 100-168) foi um destes Padres da Igreja que recusou qualquer semelhança dos ritos cristãos com os dos pagãos e quando ela é inegável, a atribui às artimanhas do demônio. Basta-nos um exemplo. Após expor a teologia da eucaristia, Justino conclui: "É certo que isso também, por arremedo, foi ensinado pelos demônios perversos para ser feito nos mistérios de Mitra; com efeito, nos ritos de um novo iniciado, apresenta-se pão e uma vasilha de água com certas orações, como sabeis ou podeis informar-vos" (*I Apologia*, 54,6).

 Com Orígenes (185-253) encontraremos uma mudança. Ele continuará negando que aja alguma dependência dos ritos cristãos em relação aos pagãos, mas, por influência do platonismo, sua matriz filosófica, aceitará o vocabulário das *religiões mistéricas*. Será São João Crisóstomo (347-407) quem mais empregará o vocabulário de *iniciação*, inclusive a palavra. *Mistagogia* indica, então, os *ritos de iniciação*. Estamos no auge do catecumenato. Mas logo haverá uma grande mudança na configuração do cristianismo que se tornará uma religião hegemônica socialmente no ocidente, a *cristandade*. Durante quase toda a Idade Média latina (dos séculos VI ao XV) a noção de *iniciação* será ignorada.

 E aqui voltamos para o nosso ponto inicial. Vivemos atualmente sob o impacto do Concílio Vaticano II (1962-1965) que acolheu e legitimou a caminhada iniciada desde o padre Duchesne. O linguajar será muito expressivo. No Decreto *Ad Gentes* §14 lemos: "Sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação. Através da prática dos costumes evangélicos e pelos ritos sagrados que se celebram em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus. A seguir, libertados do poder das trevas pelos sacramentos da iniciação cristã...". E em seguida: "A iniciação cristã no catecumenato não é tarefa apenas dos catequistas e sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis, de modo especial, dos padrinhos". No Decreto *Presbyterorum Ordinis* §2 usa a expressão "sacramentos da iniciação cristã". E na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, quando trata da necessidade de restauração do catecumenato (§64) e da revisão dos Ritos, sobretudo do batismo (§66-69), afirma: "Seja revisto também o rito da Confirmação, para mais claramente aparecer a íntima conexão deste Sacramento com toda a iniciação cristã" (§71).

 Com a expressão *iniciação cristã* indicamos, portanto, o processo ou itinerário que todo candidato deve percorrer para tornar-se efetivamente membro do Corpo de Cristo e da Igreja. Iniciação que demandará um tempo apropriado, vivenciado em etapas, enriquecido por ritos, símbolos e catequese. Envolvendo a pessoa por inteira, moral, emocional e intelectualmente. Culminando na recepção dos sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia. Por esta abrangência e para se distinguir de uma catequese com adesão meramente intelectual, às vezes se prefere hoje falar de *iniciação à vida cristã*. Para o Vaticano II, o modelo exemplar desta iniciação aconteceu no catecumenato, vivenciado pela Igreja em seus primeiros séculos, e por isso exorta que seja o quanto possível restaurado. Esse será o tema do próximo artigo.